

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - CAMPUS SOROCABA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS**  
**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA, TURISMO E HUMANIDADES**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

GLEICIELLY OLIVEIRA DE SOUZA

**VULNERABILIDADE SOCIOESPACIAL DE CORPOS**  
**DISSIDENTES:** Lugar Referencial de Acolhimento à mulher em  
Sorocaba - SP.

Sorocaba- SP

2022

GLEICIELLY OLIVEIRA DE SOUZA

**VULNERABILIDADE SOCIOESPACIAL DE CORPOS  
DISSIDENTES: Lugar Referencial de Acolhimento à mulher em  
Sorocaba - SP.**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso de Graduação de  
Licenciatura em Geografia do Departamento  
de Geografia, Turismo e Humanidades da  
Universidade Federal de São Carlos,  
campus Sorocaba.

Orientação: Profa. Dra. Neusa De Fátima  
Mariano

Sorocaba- SP

2022

de Souza, Gleicielly Oliveira

Vulnerabilidade Socioespacial de Corpos Dissidentes:: Lugar Referencial de Acolhimento à mulher em Sorocaba - SP. / Gleicielly Oliveira de Souza -- 2022. 62f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Neusa De Fátima Mariano

Banca Examinadora: Rosalina Burgos, Renata Nunes

Bibliografia

1. Geografia feminista. I. de Souza, Gleicielly Oliveira. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS CENTRO DE CIÊNCIAS  
HUMANAS E BIOLÓGICAS CAMPUS SOROCABA DEPARTAMENTO DE  
GEOGRAFIA, TURISMO E HUMANIDADES CURSO DE LICENCIATURA PLENA  
EM GEOGRAFIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de  
Graduação de Licenciatura Plena em Geografia do  
Departamento de Geografia, Turismo e Humanidades da  
Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba.

Orientação: Profa. Dra. Neusa De Fátima Mariano

Orientadora

---

Profa. Dra. Neusa De Fátima Mariano

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba

Examinadora

---

Profa. Dra. Rosalina Burgos

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba

Examinadora

---

Profa. Ms. Renata Nunes

PEI Lauro Sanchez

*“Seja qual for a liberdade pela qual lutamos, deve ser uma liberdade baseada na igualdade.” - Judith Butler.*

## **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente à Gleicielly do passado que me fez presente hoje, obrigada por não desistir de mim.

Agradeço à minha mãe, Antônia Isaias de Oliveira que é parte da motivação do meu interesse na temática de violência contra as mulheres e corpos vulnerabilizados.

À minha querida namorada Lara Rodrigues por me auxiliar nesse processo de reconhecimento do que sou capaz de fazer.

Sou grata por cada pessoa que me ajudou nesse processo acadêmico, agradeço aos motoristas de ônibus que me levaram até a universidade, às cozinheiras do Restaurante Universitário e principalmente aos meus professores que me ajudaram a ter essa compreensão do mundo geográfico.

Agradeço em especial a minha orientadora Neusa de Fátima que teve paciência nos momentos em que me senti perdida, agradeço muito as duas professoras incríveis da minha banca: Rosalina Burgos e a Renata Nunes, ambas me ajudaram a construir o meu pensamento no atual trabalho.

## **Apresentação**

A temática do atual Trabalho de Conclusão de Curso de licenciatura em Geografia: “Vulnerabilidade socioespacial de corpos dissidentes” está diretamente relacionada com a minha vivência enquanto Gleicielly. Tenho vinte e três anos e onze meses, estudei a vida inteira em escola pública, atualmente meu pais são separados mas antes disso nunca tive um lar saudável.

A violência desde a infância esteve presente em minha vida, meu pai é um homem negro de sessenta anos, pernambucano, quieto, trabalhador e alcoolatra, este último infelizmente definiu a maioria dos meus traumas de infância.

Minha mãe é uma mulher branca piauiense de cinquenta e nove anos, dona de casa, uma pessoa agitada/animada e cuidadora de idosos. Passou a maior parte da minha vida desempregada cuidando dos filhos. Meu pai tem doze filhos (criou duas filhas, minha irmã e eu), minha mãe tem quatro filhos, a minha irmã mais velha de parte materna mora no Piauí, portanto morei com meus dois irmãos, Gabrielly (minha irmã mais velha dois anos que eu por parte de ambos) e Jefferson (meu irmão mais velho sete anos por parte materna). Vim de uma família pobre, moramos até os oito anos da minha vida como caseiros de uma escola em Barueri, depois nos mudamos para um Conjunto Habitacional cedido pela prefeitura.

Minha vida toda achei completamente normal a violência doméstica como tantas outras crianças, nunca vivenciei um afeto dentro de casa, meu pai nas datas comemorativas (natal, aniversários, páscoa, etc) se embriagava e geralmente quebrava alguma coisa, um dia era o DVD, outro dia a TV, num terceiro dia uma ou duas portas sanfonadas para demonstrar a raiva que sentia de si, de minha mãe ou até mesmo dos filhos. Meu pai sempre foi ausente morando na mesma casa, ou melhor, presente nos momentos de violência. Tenho raras memórias boas com ele.

Mas de alguma forma meu subconsciente fértil por volta dos meus cinco anos de idade supôs que meu pai tinha um irmão "gêmeo", o primeiro acordava de manhã todos os dias às 7h00 da manhã, era extremamente quieto, tomava café puro seguido de um cigarro, depois se dirigia até o trabalho. O segundo chegava do trabalho bêbado, quebrava coisas, gritava com todos de casa,

empurrava/xingava minha mãe e ameaçava colocar fogo na casa - uma vez de fato chegou a jogar thinner na casa inteira quando estava somente eu e ele, foi interrompido por vizinhos quando eu implorei para intervirem. Depois de alguns anos descobri que na verdade ele era um só. Eu, como uma pessoa que convivia com um viciado, tive fases de sentir medo, rancor e uma espécie de empatia por ele, nunca soube o que sentir. Meu pai, um homem extremamente vulnerável, perdido no próprio passado, presente e futuro por sua vida massacrada pela pobreza, racismo e alcoolismo. Ele me fez perder momentos de exercer minha infância livre de medos com a sua violência contra sua esposa e filhos, o que uma criança espera que seja o porto seguro era o meu pesadelo.

Nesses momentos de tormenta me apegava à escrita, tinha um diário pessoal para desabafar do que sofria dentro e fora de casa, sofri bullying na escola por não ser uma criança ativa, tive gagueira infantil e demorei para desenvolver o aprendizado em todos os âmbitos.

Em 2014 uma professora de sociologia da escola da minha irmã disse sobre uma possibilidade: Prestar vestibular para ingressar numa universidade pública para ter experiência no meio profissional, então focou em passar na Universidade de São Paulo no curso de Ciências Sociais, minha irmã tinha dezessete anos quando foi para a moradia estudantil quando me incentivou a estudar para o ENEM. Em 2016, dois anos depois, com dezessete anos também consegui ir para a universidade pública, consegui bolsas de auxílio estudantil e saí de casa, foi o primeiro momento em minha vida que me senti livre!

Após esse momento de euforia veio a culpa, à tona tudo que eu vivi até aqueles momentos traumáticos, fiquei um bom tempo imersa em pensamentos ruins, assim como toda a minha vida, me questionando cada passo da minha existência, pensava muito “não quero estar aqui, eu não quero, nunca quis a vida, essa vida” demorei um tempo até perceber que eu tinha como construir uma vida sem me sentir presa, sem me sentir omissa, uma vida livre da violência. Então o meu objetivo a partir daquele momento foi esse: Reconstruir minha história sem relações violentas e sigo com esse objetivo.

Em setembro de 2019 eu e meus irmãos conseguimos fazer com que minha mãe saísse (às escondidas) da casa do meu pai e agora está construindo outras vivências depois de vinte e cinco anos de violência doméstica, infelizmente, com o tempo meu pai ficou cada vez mais violento. Hoje mantenho contato, continuo o visitando, mas ele é o mesmo de vinte e cinco anos atrás, infelizmente não acredita que precisa de ajuda.

Por fim, afirmo que foi muito difícil uma pessoa periférica não-branca, bissexual e não-binária ter a segurança da escrita, então considero este trabalho uma parte da minha resistência enquanto ser social, uma corporeidade marginalizada que conseguiu acessar o meio acadêmico, acredito em outras formas de habitar o espaço sem violência, acredito que essa estrutura misógina, racista e desigual possa ser destruída.

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo abordar a escala do corpo de Raul Borges Guimarães concepção da escala do corpo, que é diferenciada dependendo das suas especificidades, desenvolvendo identidades e resistências contra a opressão que social e espacialmente foram instituídas sobre esses corpos, tornando-se corpos sociais. Vinculamos essa concepção de escala do corpo com os conceitos de lugar na perspectiva do geógrafo Milton Santos que interpreta a relação do local/global, enfatizando a temporalidade de cada lugar ou um tempo social por grupos ou indivíduos. O atual trabalho vem com a proposta de pensar identidade de gênero mulher, com os recortes raciais de mulheres brancas, negras e não-brancas que sofrem violências de maneiras distintas por partirem de perspectivas históricas diferentes. Para a compreensão de lugar e não-lugar vinculamos o conceito de espacialidade de Doreen Massey. Procuramos relacionar a construção da identidade de gênero com a construção social de Judith Butler e Paul Preciado para compreender a violência contra corporeidades que se identificam enquanto mulheres. A temática abordada de violência socioespacial teve como escala de análise o CEREM que se localiza na cidade de Sorocaba-SP. Entrevistamos duas funcionárias do CEREM que atendem às mulheres em situação de violência, a primeira é psicóloga que atua na área técnica dos atendimentos às mulheres e a segunda entrevistada é assistente social que faz a escuta especializada de violência doméstica.

**Palavras chave:** Lugar. Mulher. Corpo. Violência Socioespacial.

## ABSTRACT

The present Course Conclusion Work aims to approach the scale scale of Raul Borges Guimarães, conception of the scale of the body, which are differentiated depending on their specificities, developing identities and resistances against the oppression that socially and spatially were instituted on these bodies, becoming social bodies, we link this conception of the scale of the body with the concepts of place with the perspective of the geographer Milton Santos who interprets the relationship of the local/global, emphasizing the temporality of each place or a social time by groups or individuals. The current work comes with the proposal to think about the gender identity of women, with the racial cuts of white, black and non-white women who suffer violence in different ways because they start from different historical perspectives, for the understanding of place and non-place we link Doreen Massey's concept of spatiality. We try to relate the construction of gender identity with the social construction of Judith Butler and Paul Preciado to understand the violence against corporeities that identify themselves as women. The theme of socio-spatial violence had as an analysis scale the CEREM which is located in the city of Sorocaba-SP, we interviewed two CEREM employees who care for women in situations of violence, the first is a psychologist who works in the technical area of care for women and the second interviewee is a social worker who specializes in listening to domestic violence.

**Keywords:** Place. Woman. Body. Sociospatial Violence.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Vítimas de feminicídio, por raça/cor Brasil-2019.....	25
Imagem 1: Ciclo de violência doméstica -2018.....	34
Imagem 2: Fachada do Centro de Referência da Mulher - 2022.....	37
Imagem 3: Panfleto de divulgação de centros de referência à mulher - 2022.....	40

**LISTA DE MAPAS:**

*Mapa 01 - Pontos de referência e apoio à mulher, Sorocaba -SP - 2022.....41*

## ***LISTA DE SIGLAS***

CIM - - Centro de Integração da Mulher

CEREM - Centro de Referência da Mulher Selma Said

CERAV - Centro Especializado de Reabilitação do Agressor

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos

CRAS - Centro de Referência de Assistência Social

CREAS -Centro de Referência de Assistência Social

DDM - Delegacia da Mulher de Sorocaba.

FACAMP-Núcleo de Pesquisas de Economia e Gênero da Faculdade de Campinas

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IMP - Instituto Maria da Penha

SUS - Sistema Único de Saúde

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>1. A ESPACIALIDADE DE CORPOS SUBVERSIVOS.....</b>	<b>17</b>
1.1 ESCALAS GEOGRÁFICAS: O CORPO COMO ESCALA.....	21
1.2 CORPOREIDADES FEMININAS NO COTIDIANO.....	24
<b>2. O LUGAR E O NÃO-LUGAR DO OUTRO.....</b>	<b>27</b>
<b>3. RAÇA, GÊNERO E DOMINAÇÕES SOCIOESPACIAIS.....</b>	<b>30</b>
3.1 CICLOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA.....	33
<b>4. LUGAR DE ACOLHIMENTO EM SOROCABA.....</b>	<b>36</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>43</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>45</b>
<b>Apêndice I .....</b>	<b>48</b>
<b>Apêndice II .....</b>	<b>56</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho “Vulnerabilidade socioespacial de corpos dissidentes: Acolhimento às mulheres em Sorocaba -SP” buscou uma leitura geográfica do significado de lugar e as influências no espaço do gênero, raça e a pluralidade de gênero, quais as origens da violência contra corpos que são vulnerabilizados e as ações da organização de acolhimento à mulher em Sorocaba-SP.

A escala do lugar estudada foi a cidade de Sorocaba, localizada no interior de São Paulo, a 100 km de distância da capital de São Paulo. Sorocaba tem uma população estimada de 695.328<sup>1</sup> em 2021. Sorocaba é uma cidade que está em desenvolvimento, as cidades ao redor têm como referência em vários setores como o da saúde e economicamente ocorrendo movimento pendulares entre essas cidades menores e Sorocaba<sup>2</sup>. É considerada uma cidade média, que está entre a metrópole e cidades pequenas ao seu redor. (SPOSITO, 2001)

O trabalho teve como foco a pesquisa de violência contra mulheres na cidade de Sorocaba, pois segundo Nunes: “entre janeiro e setembro deste ano [2018] foram registrados 904 boletins de ocorrência de violência doméstica na Delegacia da Mulher de Sorocaba (DDM).” (NUNES, 2019, p.139).

A pesquisa atual revisou as principais bibliografias em relação às diferentes escalas geográficas, com a perspectiva de Lugar, a identidade de gênero e raça em seu contexto socioespacial e político e a importância do mapeamento dos lugares de acolhimento, entendendo suas especificidades, conquistas e dificuldades.

As principais bibliografias são: Doreen Massey (2008), Judith Butler (2016), Paul Preciado (2008), Milton Santos (2002), Lélia Gonzalez (1988), Raul Borges Guimarães (2008), Joseli Maria Silva (2009) e Angela Davis (2016).

Para o enriquecimento do trabalho efetuamos entrevistas semi-estruturadas com as devidas orientações do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP); eles acompanharam o contexto do atual trabalho, verificaram o roteiro de entrevistas e inseriram todas as medidas de segurança para as entrevistadas. Com

---

<sup>1</sup> IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 2021.

<<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/sorocaba.html>> Acessado em 08/04/2022

<sup>2</sup> Movimento pendular é o deslocamento diário entre moradia e trabalho, entre outras funções. (ARANHA, 2005)

o suporte do Comitê de Ética foi apresentado antes das entrevistas o “Termo De Consentimento Livre e Esclarecido” para a documentação do consentimento das entrevistadas. Além disso, houve a “Carta de Autorização” para Instituição responsável pelas funcionárias entrevistadas. Por medidas de segurança sanitária, por conta da pesquisa ter ocorrido durante o marco histórico da pandemia do COVID-19 entre 2021-2022, as entrevistas foram de modo remoto, através do Google Meet. As entrevistas foram gravadas, transcritas (entrevista completa no Apêndice I e Apêndice II) e posteriormente apagadas do computador. Conforme a recomendação do Comitê de Ética, para a proteção das identidades das entrevistadas os nomes expostos são fictícios.

As entrevistadas são duas trabalhadoras do Centro de Referência da Mulher Selma Said - CEREM. A primeira entrevistada é psicóloga e a segunda é assistente social, ambas trabalham na Organização Governamental de Assistência para Mulheres de Sorocaba.

No primeiro capítulo “A Espacialidade de Corpos Subversivos” abordamos a definição do que são corpos subversivos e a relação deles com o espaço geográfico e geógrafas como Doreen Massey, Joseli Maria Silva e Judith Butler, que entendem a espacialidade com recortes de gênero e um sentido cultural das opressões que essas corporeidades sofrem.

No segundo capítulo “*O Lugar e Não-lugar do Outro*” explicitamos os conceitos de Lugar do geógrafo Milton Santos e Doreen Massey. Este capítulo cita Henri Lefebvre que dialoga sobre o lugar das mulheres no cotidiano.

No terceiro Capítulo “*Raça, Gênero e Dominações Socioespaciais*” indicamos o recorte racial no processo espacial e histórico das mulheres negras que seus lugares são atravessados além do gênero, pelo racismo e a sexualização de seus corpos.

No quarto e último capítulo “*Lugar de Acolhimento em Sorocaba -SP*” foi exposto sobre o histórico do CEREM, as abordagens das profissionais em relação às mulheres que são vítimas de violência e ao decorrer do capítulo são expostas citações diretas e indiretas da entrevista que aplicamos com as profissionais que trabalham no CEREM.

## 1. A espacialidade de corpos subversivos

A geógrafa estadunidense Doreen Massey define a espacialidade como produto das inter-relações e interações, desde a imensidão do global até o intimamente pequeno do lugar, esfera na qual são distintas e coexistem. A espacialidade para a geógrafa está sempre em constante movimento, é aberta e sem pontos finais. (MASSEY, 2008, p.212) A pluralidade do espaço são arranjos políticos-sociais e específicos do lugar, a espacialidade é “uma negociação das relações que remeterá à coexistência do social, do humano e do não-humano.” (MASSEY, 2008, p.215) Então, a experiência das relações sociais está no espaço, as performances dos corpos estão nos lugares e suas ações baseadas nas regras sociais ou não-ação estão nas espacialidades.

A geógrafa brasileira Joseli Maria Silva desenvolve a ideia de tudo que não seja o homem heterossexual branco torna-se subversivo, esses corpos são lidos como corpos fora da norma padrão heterormativa. (SILVA, 2009, p.26) O que não está no padrão social de normatividade são corporeidades constantemente apagadas e negligenciadas dentro do sistema social se espelhando na espacialidade, desde a cotidianidade do lugar até a noção do global.

Segundo dados do Núcleo de Pesquisas de Economia e Gênero da Faculdade de Campinas (FACAMP) no primeiro trimestre de 2020 no Brasil a taxa de subocupação no mercado de trabalho teve um aumento com 7.4% de mulheres no mercado e 5.2% de homens, entretanto a mesma pesquisa revelou que:

As mulheres pretas/pardas apresentaram o menor rendimento médio da população, equivalente a 63,4% do rendimento médio do Brasil. Elas foram seguidas pelas mulheres indígenas, com apenas 64,7% do rendimento médio da população e depois por homens pretos/pardos (80,9%). Já no outro extremo, situam-se os homens brancos/amarelos, com um rendimento equivalente a 148,5% ao rendimento médio do Brasil, sendo seguidos pelas mulheres brancas/amarelas (110,4%), mostrando como o recorte por cor, raça ou etnia também é muito relevante no contexto da desigualdade de rendimentos no Brasil. (NÚCLEO DE PESQUISAS DE ECONOMIA E GÊNERO -FACAMP, 2020, p.8)

Portanto as mulheres negras, pardas e indígenas têm o menor rendimento dentro do mercado de trabalho, estão à margem da pobreza que evidencia uma divisão sócio-espacial no Brasil por gênero e raça, escancarado no cotidiano, nas

espacialidades das corporeidades, moradoras de ruas ou nos dados de feminicídio no Brasil que seguem o mesmo gênero e raça em sua maioria: Mulheres e não-brancas.

Nossas investigações entendem o conceito de gênero como uma representação do ideal dos papéis sociais a serem experienciados por corpos considerados masculinos e femininos em diferentes tempos e espaços. Gênero, portanto, não é uma realidade em si mesma, mas um ideal exercitado cotidianamente por diferentes tipos de corpos que, ao agirem pautados pelas representações, superam a mera reprodução de papéis e recriam continuamente a própria representação de gênero. Assim, o gênero é um eterno movimento que se faz na ação humana criativa, e como toda ação implica uma espacialidade, o caráter performático do gênero é simultaneamente espacial e temporal. (SILVA, 2009, p.84)

Os gêneros são desenvolvidos por repetição conforme o sentido que os indivíduos vivenciam (entre si), constroem e reiteram suas funções sociais como homens ou mulheres, em que, ao mesmo tempo, os processos de emancipação são delimitados (BUTLER, 2016, p. 58-59). Há uma performance repetida, coloca a autora, encarnada em seu trabalho a partir da noção de performatividade de gênero, que engloba o entendimento no qual os gêneros são definidos cotidianamente e continuamente. Por sua vez, o corpo “mostra ou produz sua significação cultural” (BUTLER, 2016,p.201). As feminilidades são, em consequência, construídas a partir das performances produzidas.

Os homens e as mulheres são construções metonímicas do sistema heterossexual de produção e de reprodução que autoriza a sujeição das mulheres como força de trabalho sexual e como meio de reprodução. Essa exploração é estrutural, e os benefícios sexuais que os homens e as mulheres heterossexuais extraem dela, obrigam a reduzir a superfície erótica aos órgãos sexuais reprodutivos e a privilegiar o pênis como o único centro mecânico de produção de impulso sexual. (PRECIADO,2014, p.26)

Preciado (2014) insere o conceito da contrassexualidade que demarca uma análise crítica da diferença de gênero e sexo. O autor explica esses dois como produto do contrato social - tem como a performatividade heterossexual - e o sexo como algo imutável, como a única realidade inserida no mundo.

No âmbito do contrato contrassexual, os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens ou mulheres, e sim como corpos falantes, e reconhecem os outros corpos como falantes. Reconhecem em si mesmos a possibilidade de aceder a todas as práticas significantes, assim como a todas as posições de enunciação, enquanto sujeitos, que a história determinou como masculinas, femininas ou perversas. Por conseguinte, renunciam não só a uma identidade sexual fechada e determinada naturalmente, como também aos benefícios que poderiam obter de uma naturalização dos efeitos sociais, econômicos e jurídicos de suas práticas significantes. (PRECIADO, 2014, p.21 )

Preciado utiliza para sexo e gênero a comparação de uma tecnologia porque o órgão sexual é importante no ventre de suas genitoras, antes de chegarem ao mundo. Saber o sexo do bebê determina como a pessoa deve se comportar, com quem irá se casar (com uma pessoa de órgão sexual diferente do seu) e suas funções sociais baseado nos órgãos íntimos. “O gênero poderia resultar em uma tecnologia sofisticada que fabrica corpos sexuais.” (PRECIADO, 2014, p.29)

Recorremos a Foucault para refletir sobre a diferenciação de gênero:

A segregação entre meninos e meninas, as regras estritas sobre cuidados com os bebês (amamentação materna, higiene), a atenção concentrada na sexualidade infantil, a importância atribuída à puberdade, os métodos de vigilância sugeridos aos pais tudo faz da família, mesmo reduzida às suas menores dimensões, uma rede complexa, saturada de sexualidades múltiplas. (FOUCAULT, 1988, p.51)

Foucault (1988) elucida que no século XVII existiam práticas sexuais mais abertas, que as pessoas não tinham tanto pudor quanto a partir do século XIX com a consolidação da burguesia vitoriana em que a sexualidade é encerrada “A família conjugal a confisca e absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir.” (FOUCAULT, 1988, p.7)

O filósofo desenvolve que a sociedade se cala diante o sexo apenas realizado entre o casal legítimo e procriador e o casal ditam as leis perante a heteronormatividade. Entretanto, por mais que haja um silêncio entre os pais dentro dos lares, as escolas em seu ensino comum e nas Igrejas durante suas oratórias, em relação à sexualidade há uma intencionalidade em relação a “quem fala, os lugares e os pontos de vista de que se fala, as instituições que incitam a fazê-lo”

(FOUCAULT, 1988, p.16) ou seja, existem lugares que incitam ao sexo de forma pretensiosa.

As formas a propagação do discurso sexual e os canais que se difundem o discurso da sexualidade, o “não dito” incita ao que não querem elucidar ou deve-se propagar a ideia do sexo às escondidas, Foucault entende como “técnicas polimorfos do poder” que é a intensificação do discurso através do bloqueio. (FOUCAULT, 1988, p.17)

Os bloqueio/incitação está presente nas indústrias pornográficas, prostituição e a exploração de corpos femininos ou afeminados, aos quais são objetificados e desejado às escondidas mas socialmente é visto como imoral e promiscuo ou deve-se dizer de maneira constrangida. Mas há uma outra perspectiva em que o sexo não foi totalmente censurado, mas reorientado sobre o desejo, sobre o que é certo ou errado em relação a como usar sua tecnologia; o sexo foi padronizado.

Os homens se multiplicam como as produções do solo e na medida das vantagens e do recurso que encontram nos seus trabalhos. No cerne desse problema econômico e político da população: o sexo; é necessário analisar a taxa de natalidade, a idade do casamento, os nascimentos legítimos e ilegítimos, a precocidade e a frequência das relações sexuais. (FOUCAULT, 1988, p.29)

A ciência demográfica ajudou a padronizar os sexos, entre várias outras ciências direcionando a riqueza dos Estados, da fertilidade do solo, fertilidade das mulheres e a virilidade dos homens e o povoamento daquela sociedade através do controle econômico e biológico. Para Foucault (1988, p. 42) "o campo das práticas e dos prazeres continua a apontá-la [a monogamia heterossexual] como sua regra interna". O casal legítimo é o homem e a mulher que estão inseridos numa hierarquia: o patriarcado.

A palavra patriarcado vem do grego “pater” e “archie” que significa pai e comando ou poder. (GOMES, 2019, p.2) O homem é considerado uma figura superior, que tem poder sobre as mulheres e crescendo o poder através das instituições como nos cargos de poder do Estado, religiões e sobretudo como os “chefes” da família que tem poder sobre todos os membros por ser o provedor reprodutivo e provedor econômico daquele núcleo familiar.

Nas relações sociais, o homem é quem tem a soberania nas relações enquanto as mulheres são colocadas como dóceis, que cuidam dos filhos e da casa, a submissa ao seu marido por razões do Estado, da Igreja e da família, ou seja, a mulher se torna mais uma propriedade do homem, da instituição homem.

Esta forma de família assinala a passagem do matrimônio sindiásmico à monogamia. Para assegurar a fidelidade da mulher e, por conseguinte, a paternidade dos filhos, aquela é entregue, sem reservas, ao poder do homem: quando este a mata, não faz mais do que exercer o seu direito. (ENGELS, 2009, p.15)

A família patriarcal surge no desenvolvimento da propriedade privada sendo uma das interfaces nas relações que constituem a família na sociedade capitalista. Embora as famílias patriarcais tenham sido predominantes na sociedade industrial, nem todas as sociedades aderiram a esse modo, tiveram outras formas de vivenciar a vida em comunidade sem existir o homem como um grupo de dominação.

Segundo Engels (2019, p.20) antes existiam comunidades em que era indiferente distinguir a paternidade dos descendentes, só contavam com a linhagem da mãe fazendo com que a maternidade tornasse as provedoras mais importantes socialmente, entre outras fases pré-monogâmicas. A propriedade privada veio a partir do sedentarismo das pessoas quando iniciaram a técnica da agricultura, do domínio da domesticação dos animais.

Não é um fenômeno natural [o patriarcado], que progressivamente desenvolveu-se nas sociedades, baseado nas características físicas da espécie humana, mas sim um complexo ideológico que demorou milhares de anos para ser implementado e foi impulsionado por interesses de determinados grupos em todas as fases da história da humanidade. (GOMES, 2019, p.1)

O patriarcado não é somente pelo fato apenas da tomada de consciência da paternidade dos filhos, porém é a dominação do homem através da mulher, é a hierarquia do ser homem perante outro indivíduo diferenciado do seu gênero que permanece e fortalece no capitalismo com a lógica monogâmica patriarcal na sociedade do século XXI. (GOMES, 2019, p.4)

## 1.1 Escalas geográficas: O corpo como escala

É possível elevar o debate da escala do corpo com a ideia da sua espacialidade e temporalidade considerando-o para além do corpo, da comunidade que se locomove e que transforma o espaço. O corpo está nos lugares, está nas ações do cotidiano.

A noção de escala geográfica no estudo de cartografia é inseparável para a compreensão do espaço geográfico. No ensino de geografia é utilizada a noção de pontos referenciais dentro dos mapas. É uma problemática para o debate geográfico definir o que é escala, não há um consenso entre as vertentes geográficas. Trarei alguma das definições para a compreensão da escala para, em seguida, retornar à escala do corpo.

Para Castro (1995) a escala geográfica seria um recurso matemático fundamental, uma medida de proporção da representação gráfica do espaço “uma fração que indica a relação entre as medidas do real e aquelas da sua representação gráfica” (CASTRO, 1995, p.117).

Santos (1996) entende a escala geográfica simultaneamente como “um limite e um conteúdo que se transformam ao sabor das variáveis dinâmicas que decidem sobre o acontecer regional ou local” (SANTOS, 1996, p.120). Para Santos, a escala deve conter um espaço-tempo e deveria se ater mais ao conteúdo que à sua forma. “O uso da linguagem cartográfica tornou-se quase inseparável dos estudos da Geografia.” (SANTOS, 2002 apud GUIMARÃES, 2009, p.35).

A concepção de Silveira (2004) sobre escalas é mais uma reflexão que questiona a sua existência, se ela é um encaixe de estruturas ou um compilado do que Milton Santos chama de rugosidades. Silveira apresenta a escala da ação. Silveira disserta que:

Enquanto a escala da ação é constituída de tempo: o tempo global, o tempo nacional, o tempo local, a escala de império faz alusão ao tempo empiricizado, um tempo objetivado. A escala mundial hoje, a escala da formação socioespacial, a escala do lugar. [...] Escala como possibilidade e como rugosidade, duas faces de um processo complexo de rearranjo das geografias do mundo. A ação cria instabilidade e conflitos entre os agentes e, portanto, novos limites; a materialidade cria inércia e resistência à mudança. (SILVEIRA, 2004, p.92).

O estudo da produção do espaço é importante, mas na geografia também é essencial o entendimento das articulações escalares que estão inseridas no processo de produção do espaço, como a compreensão da sociedade em que se produz o espaço.

Portanto, a concepção de escala do corpo é desenvolvida por Guimarães (2008). Guimarães dialoga com a noção de escala dos corpos dos agentes sociais, ele exemplifica com as corporeidades localizadas nos urbanos periféricos (às margens da sociedade) que evidenciam uma representação de diferentes classes sociais a partir dos equipamentos urbanos serem tão distintos que podem ser mapeados. A partir desse primeiro olhar, a escala do corpo permite a visualização das desigualdades e pode levar a uma outra escala de análise, que se dá a partir das corporeidades, que evidenciam as lutas e as resistências. A comparação em mapas de áreas de classe média alta com o destaque de áreas favelizadas e os desdobramentos sociais que implicam, as lutas de resistência a partir das corporeidades.

Outro exemplo essencial trabalhado por Guimarães com relação à escala do corpo, diz respeito à promoção da saúde da população brasileira, através do Sistema Único de Saúde (SUS) que trabalha com a divisão de regiões para o melhor desenvolvimento de políticas públicas que sirvam de acordo com as especificidades de cada região. Para Bitoun (2000, apud GUIMARÃES, 2009 p.164) as unidades básicas de saúde se formam numa rede de infra-estrutura básica que estão nas cidades, também relacionam outros circuitos de produção de serviço, “um outro circuito tecido pelos atores sociais que se apropriam e dão concretude ao SUS.” (GUIMARÃES, 2008, p.164).

De acordo com Guimarães:

Se o corpo é a escala da identidade, a saúde é um campo propício para a sua delimitação. Num país como o Brasil, cujo financiamento da política de saúde é instável, a escala do corpo têm gerado conflitos, uma vez que pressiona o orçamento da saúde pública. As diferenças corporais podem servir de base para formas sócio-espaciais de exclusão e opressão, produzindo diferenciados processos de saúde e doença, assim como inúmeros movimentos de luta por melhorias nas condições de vida. (GUIMARÃES, 2008, p.54)

As corporeidades dos lugares também condizem com as identidades, cada identidade é singular e específica, cada indivíduo constitui significados para suas vivências, o que influencia na escala de comunidade ou o que o geógrafo Armando Corrêa da Silva trouxe com a ideia de lugar social, segundo o autor, o lugar social seria um espaço isotrópico que responde a determinações mais gerais e inclusivas e concomitantemente um espaço desigual por estar ligado com o poder local. Portanto, Corrêa pensa que há uma busca dos atores sociais pela delimitação de esferas de poder nas cidades, haveria uma questão da função de individuação que os sujeitos se diferenciariam e ao mesmo passo se integrariam ao espaço da comunidade. (SILVA, 1991 apud GUIMARÃES, 2001 p.165)

## **1.2 Corporeidades femininas no cotidiano**

No mundo globalizado está sendo alcançada em lugares específicos a busca por pluralidades, por diferenças de gênero inseridas na cultura de massas, pois “a cultura de massas é fonte importante de informação e de valores para um alto número de pessoas que prescindiram, em toda a sua história intelectual, do corpus da cultura humanística”<sup>3</sup> (BOSI, 1992, p.315)

A globalização e a constituição da cultura de massas são informações que chegam moldadas, seja na alienação do cotidiano ou como um fetiche de mercado em vários níveis nas corporeidades, tentando um tipo de padronização ou estereótipos. Sob a perspectiva de Bosi:

A cultura de massa entra na casa do trabalhador da periferia, ocupando-lhe as horas de lazer em que poderia desenvolver alguma forma criativa de auto expressão: eis o seu primeiro tento. Em outro plano, a cultura de massa aproveita-se dos aspectos diferenciados da vida popular e os explora sob a categoria de reportagem popular. (BOSI, 1992, p.317)

A antropóloga brasileira González enfatiza a importância de entender os efeitos resultantes da articulação das estruturas de poder na definição do lugar social dos sujeitos na sociedade, principalmente das mulheres, pois tal articulação faz com que principalmente as mulheres não-brancas "sejam as mulheres mais

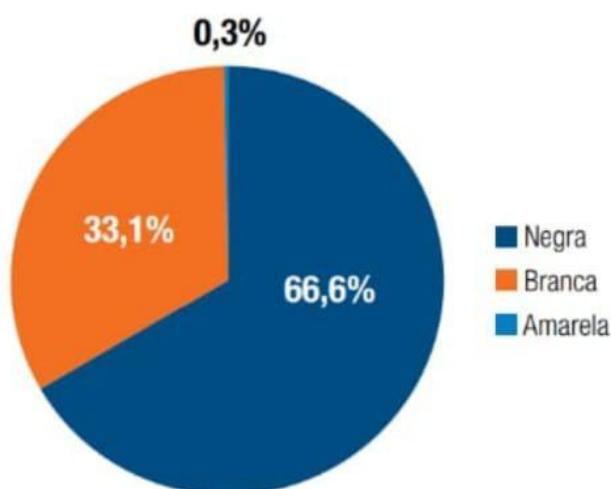
---

<sup>3</sup> Bosi (1992) explica a diferença entre cada tipo de cultura e pauta a cultura popular, cultura de massas, cultura universitária ou erudita e desenvolve que a cultura de massas é a cultura inserida nos veículos de informação como TV, jornais, etc.

oprimidas e exploradas de uma região de capitalismo patriarcal-racista dependente" (GONZALEZ, 1988, p.137)

Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2019) as vítimas de feminicídio, por raça/cor são 33,1% mulheres brancas e 66,6% mulheres negras; em relação a estupro de vulnerável 50,9% das vitimas são crianças pretas do gênero feminino. Em relação às vítimas de feminicídio são 33,1% mulheres brancas e 66,6% mulheres negras (Gráfico 1).

Gráfico 1: Vítimas de feminicídio, por raça/cor Brasil (2019)



---

Fonte: Secretarias Estaduais de Segurança Pública e/ou Defesa Social, Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019.

Campos (2015) desenvolve a ideia de que o feminicídio é o assassinato de uma mulher pela condição de ser mulher. As motivações mais usuais são o ódio, o desprezo ou o sentimento de perda do controle e da propriedade sobre as mulheres, comuns em sociedades marcadas pela associação de papéis discriminatórios ao feminino.

“O feminicídio é a última instância de controle da mulher pelo homem: o controle da vida e da morte. Ele se expressa como afirmação de posse.” (BRASIL, 2006, p.1003). Há a expressão de ódio do corpo feminino e de corporeidades

afeminadas ou que para o padrão cisgenêro heteronormativo deveriam ser femininas mas são masculinas e vice-versa. O gráfico 1 demonstra uma das nuances que perpassam as relações de violência de gênero, como o racismo e o crescimento do feminicídio de mulheres negras. Questiona-se o porquê de o corpo de mulheres negras ser mais assassinado e sofrer mais com o machismo do que mulheres brancas e amarelas.

Com a ocorrência crescente de mulheres em situação de violência doméstica, após anos de debates, as mulheres brasileiras conquistaram em 2006 a Lei 11.340/2006 que institui a Lei Maria da Penha. Ela é formada por 46 artigos e tem a divisão em sete títulos, envolvendo violência doméstica e as formas de proteção à mulher. Assegura a proteção com fins sociais em acolher mulheres em vulnerabilidade social que sofrem violência doméstica e familiar. (CAMPOS, 2015, p.113).

Todas as mulheres detém direito desta Lei:

Art. 2º Toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social. (Brasil/Lei Maria da Penha 11.340/2006)

No segundo artigo desta lei são assegurados assistências e acolhimento para estas mulheres em vulnerabilidade socioespacial: “da Assistência à mulher em situação de violência doméstica e familiar” (BRASIL, 2006):

Art. 9º A assistência à mulher em situação de violência doméstica e familiar será prestada de forma articulada e conforme os princípios e as diretrizes previstos na Lei Orgânica da Assistência Social, no Sistema Único de Saúde, no Sistema Único de Segurança Pública, entre outras normas e políticas públicas de proteção, e emergencialmente quando for o caso. (Brasil/Lei Maria da Penha 11.340/2006)

A Lei Maria da Penha assegura a capacidade de órgãos públicos criarem projetos, centros de acolhimento e orientações às mulheres que são vitimizadas, criando espaços de segurança, como abrigos para mulheres que não têm familiares a não ser o agressor que geralmente se configura pelo cônjuge ou parente próximo.

## 2. O lugar e não-lugar do outro

Santos expõe o método de Fernand Braudel que é a noção de tempos lentos e rápidos. O autor se refere a uma diferenciação, em que o tempo lento é estrutural e o tempo rápido é algo conjuntural. Um termo contrapõe o outro, sendo em quantidades relativas. “Essa contabilidade do tempo vivido pelos homens, empresas e instituições, será diferente de lugar para lugar” (SANTOS, 1996, p.267). A mesma função da palavra que Santos interpreta seria uma temporalidade de cada lugar ou um tempo social por um grupo ou indivíduo. A temporalidade não é algo linear, mas relativa a cada espacialidade conforme seu tempo.

A temporalidade do lugar está relacionada com a técnica, mas como a técnica é utilizada de lugar para lugar pode ser diferente porque não há uma homogeneidade no espaço. O autor prossegue com o pensamento de que a partir do movimento global por conta dos movimentos particulares, esses dois coexistem do local/global havendo uma relação intrínseca. (SANTOS, 1996, p.270)

Segundo Furtado e Jesus é perceptível essas transformações do local/global quando movimentos sociais ou grupos que iniciam no local com a informação o movimento local consegue visibilidade para outros lugares podendo tornar-se global como os movimentos feministas que tem como “a superação da hierarquia que socialmente se estabelece e que resulta em assimetria de gênero da metade da década de XX” (FURTADO; JESUS, 2016, p.4). Segundo os autores o pontapé inicial foi na Europa, se expandindo para outros territórios como Estados Unidos, América Latina e para o restante do mundo.

O século XIX levou a divisão das tarefas e a segregação sexual ao seu ponto mais alto. Seu racionalismo procurou definir estritamente o lugar de cada um. Lugar das mulheres: a maternidade e a casa, confinadas às tarefas ditas não-qualificadas, subordinadas. Inexistente no nível político, forte mas contido dentro da família, o lugar das mulheres no século XIX é extremo, quase delirante no imaginário público e privado, seja no nível político, religioso ou poético. (FURTADO; JESUS, 2016, p.5).

O lugar das mulheres eram suas residências, o que afeta também o espaço público. Lefebvre entende que até os dias atuais é necessário a inserção das mulheres nos lugares públicos sem a existência da fetichização dos corpos ou a banalização das mesmas apenas por serem mulheres. (LEFEBVRE,1991, p.183)

No contexto de integração das mulheres aos lugares, é possível interligar a ideia trazida de Doreen Massey, que compreende os lugares como “sempre híbridos, não é algo fechado com uma identidade essencial, é uma articulação de relações mais amplas que apresenta a sua particularidade” (MASSEY,2000, p.156)

A geógrafa desenvolve que a especificidade do lugar sempre está em disputa de forças e pode servir como resistência contra injustiças geradas pelo capitalismo neoliberal: “Sustenta-se que é o capitalismo e seu desenvolvimento que determinam nossa compreensão e nossa experiência do espaço.”(MASSEY, 2000, p.178). A autora enfatiza essa interação com o lugar, espaço e as relações estruturais sociais do sistema capitalista, além de colocar que a raça e o gênero são essenciais para a análise do lugar:

O quanto podemos nos deslocar entre países, caminhar a noite pelas ruas ou sair de hotéis em cidades estrangeiras não é apenas influenciado pelo “capital”. Pesquisas mostram que modo a mobilidade das mulheres, por exemplo, sofre restrições - de inúmeras maneiras diferentes, da violência física ao fato de ser assediada, ou de simplesmente obrigada a se sentir “fora do lugar”- Não pelo “capital” mas pelos homens. (MASSEY, 2000, p.178)

Massey enfatiza o gênero como determinante para a diferenciação no espaço, assim como existem lugares em que as pessoas circulam a turismo, compram, vivenciam o cotidiano como em suas residências e na volta do serviço ou universidades. Dentre esses lugares há o não-lugar para determinadas pessoas como mulheres, pessoas negras e pessoas que fogem da heteronormatividade.

O não-lugar impede as mulheres encontrarem o conforto de estar nos lugares porque as identidades são apagadas, diminuídas a uma fetichização de seus corpos. “A compreensão do tempo-espaço precisa de diferenciação social” (MASSEY, 2000, p.179). A autora desenvolve a noção de geometria do poder (2000, p.179) do tempo-espaço através das diferentes formas de ações dependendo do

lugar e das interconexões, pois cada grupo social interage com o tempo-espaço, alguns deles estando numa situação de controle em relação à mobilidade e poder.

A geógrafa entende a questão da compressão do espaço-tempo, que não carrega consigo apenas a distribuição desigual de alguns ganharem mais que outros, o problema é que a ação dos que estão com o poder ativamente enfraquecem outros. (MASSEY, 2000, p.180) Portanto ela questiona a geometria do poder relacionando com o lugar construindo a ideia de que através da relação global-local e relações de poder que está inserido no capitalismo o lugar pode ser múltiplo, algo que de certa forma é singular de cada lugar mas que na maioria das vezes há uma conexão com a globalização, ou seja, o lugar estabelece ligação direta com todos os outros lugares através de empresas, relações culturais e políticas etc. A autora seguiu com o exemplo de lugar:

Os exemplos de lugares que acomodam “comunidades” singulares no sentido de grupos sociais coerentes são provavelmente - eu sustentaria, têm sido há muito tempo- bastante raros. Além disso, mesmo onde existem, isso não implica um único sentido do lugar, pois as pessoas ocupam diferentes posições no interior de qualquer comunidade. Poderíamos contrapor, à mistura caótica de Kilburn, a comunidade relativamente estável e homogênea (pelo menos no imaginário popular) de um pequeno vilarejo de mineração. Homogênea? As “comunidades” também têm estruturas internas. Para tomar o exemplo mais óbvio, estou certa de que o sentido do lugar de uma mulher, em um vilarejo de mineração - os espaços pelos quais ela normalmente se movimenta, os lugares de encontro, as conexões exterior- são diferentes do de um homem. Seus “sentidos de lugar” são diferentes. (MASSEY, 2000, p.183)

Doreen Massey enfatiza a relação local/global influenciando nas relações sociais e a alteração da concepção de lugar para cada indivíduo, com diferenciações de classe social, raça e gênero como o exemplo de gênero que Massey coloca. Assim como a violência contra a mulher de forma local/global não são casos isolados, há diversos fatores sociais, políticos e históricos que ocorrem as diferenças de gênero nos lugares, é algo que afeta todos os lugares mas de maneiras distintas para cada indivíduo.

### 3. Raça, gênero e dominações socioespaciais

Foucault entende que desde o início do sistema capitalista o ser ocidental “aprende pouco a pouco, o que é ser uma espécie viva num mundo vivo, foram entendendo sobre saúde individual e coletiva: forças que se podem modificar, e um espaço em que se pode reparti-las de modo ótimo. (FOUCAULT, 1979 p.154). O autor enfatiza que foi a primeira vez na história em que o biológico tem impacto no universo político. A partir dessa reflexão que Foucault explicita o que se aproxima do que é biopolítica e que um dos seus aspectos é a decisão política sobre a vida e a morte, os mecanismos do saber e poder são decisivos para a transformação do corpo social.

Como parte desse processo de biopoder o sexo foi um foco de disputa política, segundo o autor:

É que ele [o sexo] se encontra na articulação entre os dois eixos ao longo dos quais se desenvolveu toda a política da vida. De um lado, faz parte das disciplinas do corpo: adestramento, intensificação e distribuição das forças, ajustamento e economia de energias. Do outro, o sexo pertence à refutação das populações, por todos os efeitos globais que induz. Insere-se nos dois registros; dá lugar a vigilância dos corpos, a controles constantes, a ordenações espaciais, a exames médicos e psicológicos infinitos, a todos um micropoder sobre o corpo. (FOUCAULT, 1979 p.157)

Seguindo a lógica o ser sexuado é uma ferramenta de biopolítica para controlar a distribuição de forças, ora para distribuição da população, ora controle social e opressão do sexo pelo outro.

A socióloga e filósofa estadunidense Judith Butler traz a ideia de que o sexo é um atributo dos humanos, todos os humanos são sexuados, Butler refuta Beauvoir na irrisória frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1967. p.9 apud BUTLER, 1990, p.193) Butler indaga a separação do sexo e gênero como algo cultural: “Na verdade, o gênero seria uma espécie de ação cultural/corporal que exige um novo vocabulário” (BUTLER, 1990, p.195). Segundo a autora, as opressões ocasionadas nos lugares cotidianos em torno do sexo, sexualidade e gênero são culturais e socialmente construídas.

Gonzalez (1981) utilizou a mesma frase de Beauvoir para concordar com a frase do “tornar-se mulher” mas fez a crítica de que não existe uma mulher universal. O processo de construção social e cultural não será o mesmo para todas as mulheres, pois, outros fatores como o racismo redefinem as trajetórias dos sujeitos em questão. Além disso, nem todas as mulheres aceitaram “o lugar de imanência” ou “penhoraram sua liberdade, em muitas sociedades não europeias, dentre elas indígenas e africanas” (CARDOSO, 2012, p. 122-123).

A socióloga estadunidense Angela Davis (2016) entende através da historiografia que o corpo de mulheres negras desde a escravidão até os dias atuais são subjugados e desumanizados. Segundo a autora, o poder dos corpos das mulheres negras era uns dos direitos que os senhores de engenho detinham, eles tinham uma licença para o estupro. Esse “direito” ultrapassou a escravidão, o padrão de abuso sexual seguiu com as organizações terroristas como os nazistas da Ku Klux Klan que abusavam mulheres negras porque elas eram mulheres negras “tornaram-se uma arma política clara no esforço para inviabilizar o movimento pela igualdade negra” (DAVIS, 2016, p.180).

Davis revela que no fim do século XIX e ao longo do século XX na luta do voto feminino nos Estados Unidos, algumas mulheres brancas no interior do movimento sufragista atacaram homens negros quando perceberam que os mesmos poderiam votar primeiro, atacaram a racialidade para sobrepor a categoria mulher branca, o que implica na perspectiva branca o movimento do voto sufragista, indaga a posição de mulheres que utilizaram do racismo para argumentar uma conquista da qual elas estavam buscando. Davis ressalta que as mulheres negras apoiaram a batalha pelo sufrágio feminino mas que ao lado delas contavam com homens negros, que ao contrário das mulheres brancas não demandavam essa oposição de gênero e raça, também existiram as mulheres negras que enxergavam a importância de seus companheiros negros estarem apoiando a luta do voto feminino. (DAVIS, 2016, p.150).

O nó histórico que ata as mulheres negras (sistematicamente abusadas e violadas por homens brancos) aos homens negros (mutilados e assassinados devido a manipulação racista das acusações de estupro) apenas começou a ser reconhecido de modo significativo. Sempre que as mulheres negras desafiaram o estupro, elas expuseram simultaneamente

o uso de acusações falsas de estupro enquanto arma mortal do racismo contra seus companheiros. (DAVIS, 2016, p.178)

A intelectual estadunidense Bell Hooks também discorre sobre o processo histórico espacial do sufrágio feminino nos Estados Unidos contestando que algumas mulheres brancas não enfrentaram a realidade do racismo e as diferenças raciais, acusaram as mulheres negras como traidoras por inserirem o debate racial dentro do movimento de mulheres. (HOOKS, 2020, p.92) Antes da subjugação de gênero as mulheres negras eram perseguidas pela sua raça.

Atualmente os abusos sexuais são mascarados, são sempre retratados culpabilizando as vítimas com o racismo estrutural, sancionados por intelectuais, através de mídias sensacionalistas “que com frequência retratam as mulheres negras como promíscuas e imorais” (DAVIS, 2016, p.181).

Davis alega que as mulheres negras e não-brancas de minorias étnicas sofreram abusos sexuais com inspirações racistas, mas as mulheres brancas também sofreram essa violência a diferença é que sofreram abusos por serem mulheres.

Lélia Gonzalez faz um recorte do lugar em relação às mulheres negras que foram sequestradas de suas famílias quando os europeus chegaram ao continente Africano, as mulheres que não faleceram nos navios negreiros, chegavam em terras desconhecidas, eram transformadas em mercadorias e trabalhavam para pessoas brancas. Às vezes trabalhavam nas plantações ou trabalhavam na casa grande “na medida em que eram utilizadas como objeto de sua violência sexual”. (GONZALEZ, 1981, p.110). Anos após a abolição da escravidão surgiu o mito da democracia racial, ideologia inautêntica nos anos 30 do século passado, inseriu no imaginário popular a ideia de que a miscigenação é fruto da convivência harmoniosa existente entre pessoas indígenas, brancos e negros, conforme defendido por Gilberto Freyre no livro “Casa Grande e Senzala” (2004).

Gonzalez rebate a ideia do mesmo:

É por aí que a gente deve entender que esse papo de que a miscigenação é a prova da “democracia racial” brasileira não está com nada. Na verdade, o grande contingente de brasileiros mestiços resultou de estupro, de violentação, de manipulação sexual da escrava. Por isso existem os preconceitos e os mitos relativos à mulher negra: de que ela é mulher fácil, de que é boa de cama (GONZALEZ, 1981, p.110).

Gonzalez (1988) desenvolve também que o mito da superioridade branca se dá através do embranquecimento, da fragmentação da identidade não-branca, da negação da própria raça e da cultura do negro. Como reconhecer-se no mundo se sua história não é contada, se o seu lugar enquanto corpo negro é rechaçado até nos estudos da construção identitária do país?

O racismo latinoamericano é suficientemente sofisticado para manter negros e indígenas na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças a sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento. Veiculadas pelos meios de comunicação de massa e pelos aparelhos ideológicos tradicionais, ela reproduz e perpetua a crença de que as classificações e os valores do Ocidente branco são únicos verdadeiros e universais. (GONZÁLEZ, 1988, p.73).

Para ajudar a construir outras perspectivas negras, Gonzalez propõe denominar todas as Américas (América do Sul, Central, Norte e Insular) de América, deixando para trás o racismo e o sofrimento como principal motor da história do negro nos lugares. Gonzalez afirma ser crucial a identidade, como tudo isso parte do lugar das vivências, do cotidiano. O lugar é a compreensão de si, é como um lar que para uns é inexistente, para outros é ora conflituoso, ora confortável, sem o reconhecimento de si é desconexo e sem sentido, onde está a história do negro se não é estudada, se não é vista. (GONZÁLEZ, 1988, p.74)

### **3.1 Ciclos de violência doméstica**

Em relação à violência doméstica praticada contra a mulher, a autora Saffioti (1987) analisa que sempre acontece contra as mesmas vítimas (esposa e filhas), tornando-se habitual no cotidiano daquela família os xingamentos, todas formas de agressões, contra a vontade das mesmas. (SAFFIOTI, 1987). As consequências desse tipo de violência são mulheres adoecidas que não conseguem pedir ajuda a outros familiares, amigos ou agentes do Estado por medo ou uma naturalização daquele sofrimento.

A imagem 1 representa o principal ciclo de violência doméstica apresentado para vítimas que buscam ajuda em centros de acolhimento, como o CEREM em

Sorocaba-SP, esse ciclo é explicado às vítimas para reconhecer se é o caso de violência doméstica em que estão inseridas.

Imagem 1: Ciclo de violência doméstica



Fonte: IMP, 2018 site:<<https://www.institutomariadapenha.org.br/violencia-domestica/ciclo-da-violencia.html>>  
Acessado em:08/03/2022

O Instituto Maria da Penha (IMP) vincula a teoria do ciclo de violência (Imagem 1) da psicóloga estadunidense Lenore Walker (1989, p.94) que define a primeira fase de violência como a construção e elevação de tensão nas brigas, o cônjuge desenvolve uma relação de agressividade, cada vez mais rígido com a esposa. A figura feminina se sente culpada por tê-lo estressado, geralmente a mulher se desculpa para estabilizar a comunicação entre os dois.

A segunda fase do ciclo é o incidente de agressão psicológica ou física, toda a tensão acumulada na primeira fase se materializa em violência verbal, física, psicológica, moral ou patrimonial, mas o que pode mudar nessa fase do ciclo é a possibilidade desse momento, a mulher tomar decisões – as mais comuns são: buscar ajuda, denunciar, esconder-se na casa de amigos e parentes, pedir a separação ou até mesmo extremos que é suicidar-se. (WALKER, 1989)

A terceira é a da “lua de mel”, que é marcada por um arrependimento do agressor, se comportando carinhosamente com a esposa e familiares. Muitas vezes os homens fingem que não aconteceram as brigas, agindo normalmente. Entretanto, segundo a referida autora explica, recomeça a primeira fase. “Muitas vezes ela consegue [o acalmar], que conduz a uma percepção equivocada de que a esposa consegue controlar os atos do parceiro”. (WALKER, 1989, p.94).

#### **4. Lugar de Acolhimento em Sorocaba**

Na cidade de Sorocaba, na escala do lugar, dos acontecimentos cotidianos foram surgindo movimentos de mulheres que lutam contra a violência direcionada a elas. O lugar de referência da cidade é o Centro de Referência da Mulher (CEREM) que desenvolve projetos de divulgação e acolhimentos na cidade de Sorocaba desde 2009 com atendimento às mulheres em situação de violência doméstica, com o apoio da coordenação da Secretaria da Cidadania de Sorocaba.

No Centro de Referência da Mulher (Cerem), que presta gratuitamente atendimento interdisciplinar especializado e contínuo às mulheres em vulnerabilidade, 42 jovens, com idade entre 14 e 24 anos, relataram serem vítimas de violência doméstica ao longo de 2018. A faixa etária que compreende mais vítimas é a de 25 a 39 anos, com 172 casos. De acordo com dados da Vigilância Social de Sorocaba, de janeiro até agora o Cerem recebeu 383 casos, gerando o total de 2.117 atendimentos, entre acompanhamento psicológico e assistente social. No ano passado [2018] , 552 mulheres procuraram pelo serviço. (NUNES, 2019, p. 140)

Nas entrevistas realizadas com as profissionais do CEREM ambas relatam que a faixa-etária das mulheres que procuram o atendimento variam entre 18 e 55 anos, entretanto as mulheres de maior idade também procuram cada vez mais.

Segundo dados da Vigilância Social: 34,9% das vítimas que procuram atendimento no Cerem relatam agressões psicológicas e 20,7% denunciam agressão física. Das mulheres atendidas, 23,4% também sofreram violência moral; 16,4% violência patrimonial e 4,7% foram vítimas de violência sexual. (NUNES, 2019)

No CEREM, as mulheres são acolhidas, as assistentes sociais apreendem os depoimentos através da escuta, as mulheres são aconselhadas pelas assistentes sociais ou psicóloga. Também há uma orientação jurídica ou são encaminhadas para outros órgãos dependendo da realidade de cada caso, como unidades de saúde, delegacia da mulher, Casa Abrigo, etc. (Selo social, 2015)

Atualmente o CEREM localiza-se na região central da cidade de Sorocaba ao lado da rodoviária, na Av. Juscelino Kubitschek.

Imagem 2: Fachada do Centro de Referência da Mulher (CEREM). 2022.



Foto: Gleicielly Oliveira de Souza ( 2022).

No presente trabalho entrevistamos através do Google Meet a psicóloga Renata<sup>4</sup> e a assistente social Maria com perguntas semi-estruturadas, em que as principais são referentes ao CEREM, suas respectivas funções e o perfil das mulheres que são acolhidas. Segundo a Renata: *“o serviço do CEREM acontece de portas abertas, ou seja, não é necessário um encaminhamento para a mulher chegar até nós”* (Renata)

Levando em consideração várias formas de poder social de cada relação entre cônjuges ou parentes, a questão foi a seguinte:

*G: Como vocês identificam a tipologia da violência, tem um padrão?*

*R: São cinco tipos de violência que a Lei Maria da Penha contempla, a psicológica que são xingamento, humilhação etc. A física que todos conhecem por ser visível, como, roxos, lesão corporal, arranhões. A violência moral difamação, calúnia, ou quando o agressor ofende expondo aquela pessoa a terceiros. Temos a patrimonial que é quando subtrai objetos, móveis da casa, restringe a pessoa de gastar o dinheiro da mulher, e a última que é a violência sexual, é possível que aconteça dentro dos relacionamentos em que as mulheres se sentem forçadas e coagidas a estar naquela situação. Mas a predominância é a violência psicológica que o cônjuge restringe as roupas por conta de ciúmes excessivos, restringe até o convívio social das mulheres.* (Renata)

Ao longo da entrevista surgiram perguntas sobre a perspectiva para a

---

<sup>4</sup> Os nomes descritos são fictícios para garantir o anonimato das entrevistadas, de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido realizado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de São Carlos.

psicóloga que trabalha na área de violência contra mulher há muitos anos:

*G: Certo, tudo bem! E eu tenho umas perguntas que surgiram ao longo da entrevista...Na sua perspectiva, porque existem tantos casos de violência contra mulheres?*

*R: Na minha visão é muito cultural a forma como a sociedade construiu essa relação de gênero. Parece irreal que em pleno 2022 alguns homens que a gente chama para conversar - os que eram mais acessíveis para orientá-los para se conscientizarem da situação mas eles sempre dizem sobre a situação abusiva, eles dizem coisas como "eu aprendi dessa forma, a minha mãe era tratada assim pelo meu pai, fui criado dessa forma"... Então ainda é uma reprodução de gênero que o homem detinha um poder maior em relação ao gênero feminino, a figura feminina. Não era mais para estarmos nessa situação retrógrada, mas a cultura permanece ensinando assim. (Renata)*

Uma pergunta central realizada as entrevistadas foi relacionado à predominância de onde as mulheres residem:

*G: É perceptível os lugares da cidade onde acontecem mais casos de violência? Tem alguma zona específica na cidade?*

*R: Existe uma predominância. Mas esses dias nossa coordenadora fez um comentário, eu tive que concordar com ela porque antigamente tinha uma predominância da zona norte que alguns bairros são menos favorecidos, algumas pessoas têm mais dificuldade ao acesso a informação que existem serviços, mas agora que fazemos a análise dos bairros, está muito mais espaçado, há casos na zona leste, zona oeste etc. Na minha conta ainda contabilizo mais na zona norte... Mas mesmo assim agora está tendo mais casos tanto na zona norte, quanto na zona leste e zona oeste da cidade. (Renata)*

Como a primeira entrevistada foi a psicóloga do CEREM, efetuei as perguntas semi-estruturadas de maneira abrangente sobre a instituição, seu funcionamento e as relações com os outros órgãos e específicas de seu trabalho cotidiano.

Com a segunda entrevistada, a assistente social efetuei perguntas específicas que foram de acordo com a subjetividade do trabalho da mesma. Uma das perguntas centrais que questionei para ambas e que Maria trouxe um exemplo da saúde das mulheres em violência:

*G: A violência contra as mulheres afeta a saúde das mesmas? Se sim, de quais formas?*

*M: Sim! Com certeza...Aqui chegam muitas reclamações sobre dores físicas, depressão, crise de pânico, ansiedade, estresse pós traumático... Ontem atendi uma mulher que não conseguia mais comer, então assim, isso tem muitas questões. Sempre orientamos um atendimento terapêutico ou psiquiatra que possa avaliar aquela demanda que está apresentando se precisa de medicação ou não, sempre encaminhamos atendimentos de saúde. Mas tem umas reclamações sobre um diagnóstico e o marido não*

*permitia que prossigam com o atendimento de saúde que as desestabilizou. (Maria)*

Como citado anteriormente, uma das perguntas centrais foi a questão da região em que residiam mais casos de violência contra a mulher: “É perceptível lugares específicos da cidade onde acontecem mais casos de violência doméstica?”

*M: A gente atende a cidade toda, mas a zona norte é a região que apresenta maior quantidade de atendimentos. Mas depende dos lugares que fazem os levantamentos. (Maria)*

Mediante os relatos das duas profissionais que vivenciam a realidade da violência contra a mulher na cidade de Sorocaba foram percebidos por parte das mesmas, a predominância racial das mulheres que buscam acolhimento.

O Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2020 mostrou o percentual de feminicídio que são de mulheres negras:

*Em 2019, 66,6% das vítimas de feminicídio no Brasil eram negras. Este percentual revela uma maior vulnerabilidade das mulheres negras a este tipo de crime, uma vez que elas representavam apenas 52,4% da população feminina nos estados que compõem a base de microdados. O Atlas da Violência 2020 já havia mostrado que, em 2018, a taxa de homicídio de mulheres negras foi quase o dobro da de mulheres não negras. (ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2020, p.120)*

Demonstra maior concentração de mulheres negras, reforça a vulnerabilidade socioespacial e econômica extrema, e ressalta que o racismo agrava o risco de lesão e morte entre mulheres negras. (ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2020, p.120).

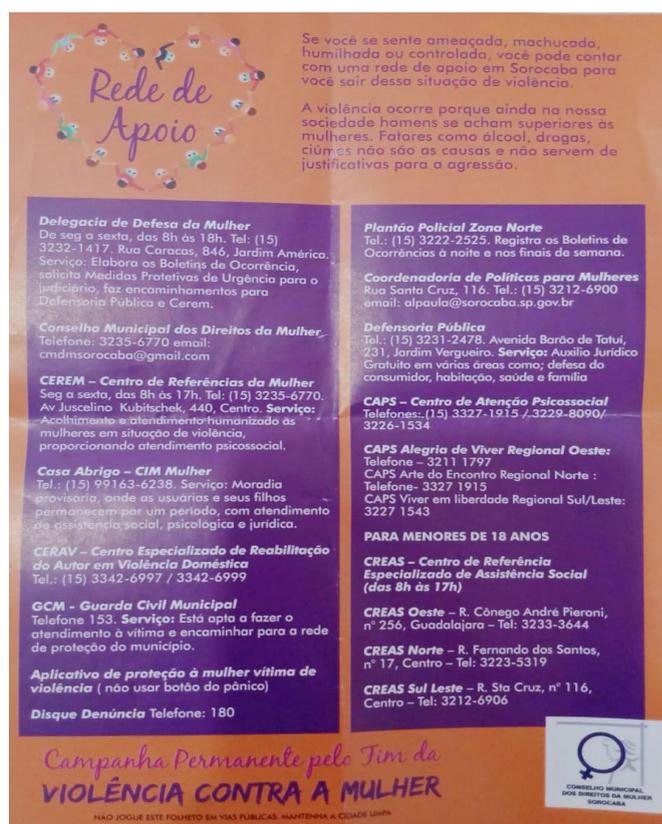
Pinto (2019) traz a seguinte contribuição:

*Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2014, no município de Sorocaba, 22,5% da população era preta ou parda. No ano de 2010, em Sorocaba, a divisão média per capita segundo cor/raça estava disposta de forma que a população branca ganhava R\$1.195,30 e a amarela R\$1.312,49, enquanto à população preta ganhava R\$609,29, parda R\$622,28 e a indígena R\$565,41, portanto, a população preta ganhava 49,03% a menos que a população branca e 53,57% menos que a população amarela, uma diferença gigantesca que se configura na sua distribuição espacial no município. (PINTO, 2019, p.6)*

Nos relatos das duas profissionais, a frequência de mulheres que se deslocam até o CEREM e buscam ajuda (na perspectiva das mesmas) são - em sua maioria - mulheres brancas. Uma das hipóteses da assistente social Maria, seria a falta de informação do que se configura violência, já que em sua maioria os comerciais, outdoors e afins demonstram a violência contra a mulher se conformando apenas em agressões físicas:

*Mas voltando rapidamente ao tema de mulheres negras que não conseguem acessar o CEREM questiono se faltam informações dos tipos de agressões. Uns dos motivos pode ser que sejam reconhecidas como violência que configura agressão física, o que é exposto geralmente nas imagens das propagandas, como exemplo a imagem de uma mulher com olho roxo. Esquecem que a violência abarca isso mas que é além disso, tem tantas outras formas... Isso pode ser uma autocrítica para o tipo de informação que esteja chegando até essas pessoas.(Maria)*

Imagem 3: Panfleto de divulgação de centros de referência à mulher



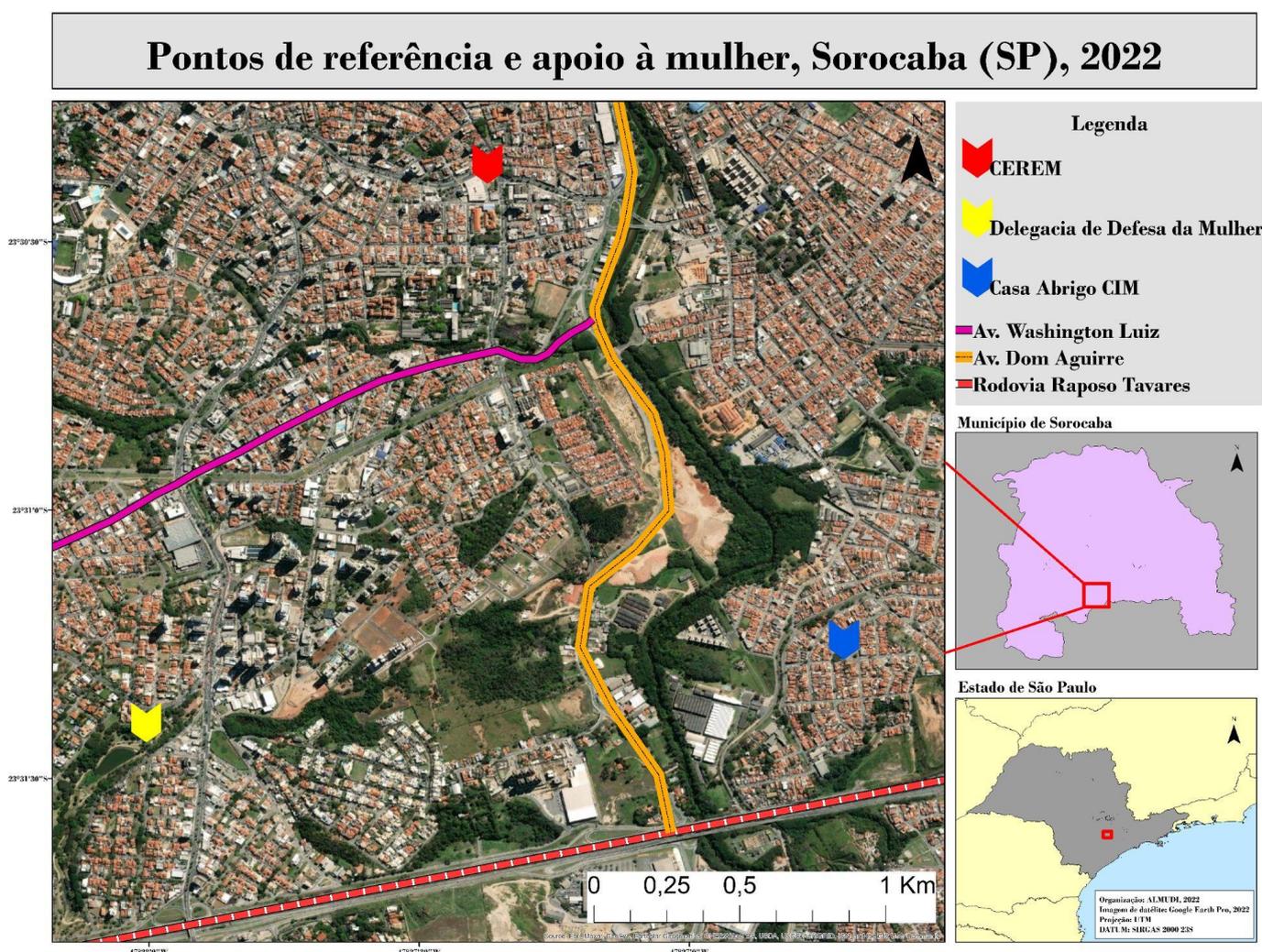
Acervo pessoal: Gleicielly Oliveira de Souza, 2022.

São pouco detalhadas outros tipos de violência contra as mulheres, e outra hipótese segundo Maria e Renata, seria dificuldade de acesso devido ao local do

CEREM. As mesmas acreditam que tenham demandas que não chegam até os locais de apoio por falta de informação. Renata enfatizou na entrevista que tanto mulheres cis quanto mulheres trans são acolhidas nos centros de acolhimento.

Almudi formulou um mapa (mapa 1) de localização da região em que concentram os principais Centros de apoios a mulher, com o título representado: Pontos de acolhimento e apoio à mulher em Sorocaba- SP, na intenção de compreender melhor a localização e quais áreas da cidade são mais acessíveis e mais árduas de acessar, levando em consideração a área territorial da cidade ser de aproximadamente 449,872km<sup>2</sup>

Mapa 1:



Fonte: Dahra Almudi, 2022.

Do lado esquerdo visualizamos uma imagem de satélite dos pontos em que demonstram as principais vias de acesso em Sorocaba, no mapa demonstramos as conexões das rodovias principais.

A referência em vermelho é a localização do CEREM, o amarelo é onde localiza-se a Delegacia da Mulher e o ponto em azul é o local em que fica a administração da Casa Abrigo (CIM) já que o local em si da casa abrigo é sigiloso; esse ponto se refere apenas onde estão as pessoas que trabalham na administração da Casa Abrigo.

Portanto, o mapa retrata as principais vias de acesso de outros lugares da cidade (como zona norte, zona leste, zona oeste, zona sul) até a região central da cidade, as vias de acesso são: Raposo Tavares, Avenida Dom Aguirre e Washington Luís, para explicitar a distância entre as rodovias e os pontos de referência da mulher, como exemplo, a distância entre a Rodovia Raposo Tavares do KM SP- 270 (entrada da Rodovia com a cidade de Sorocaba) até o local do CEREM são de aproximadamente 21,5 km, isso equivale cerca de 4h e 31 minutos a pé. (Google Earth, 2022) Sendo esta estimativa de uma Rodovia de acesso até a região em que estão inseridos outras conexões de Sorocaba sem transporte público ou particular.

É importante ressaltar que muitas pessoas não têm acesso a transportes por estarem em extrema vulnerabilidade socioespacial. A hipótese da dificuldade de acesso por conta da localização é possível por conta dos locais de referência à mulher serem em um ponto distante dos demais bairros além da região central de Sorocaba. Mas é essencial uma intensificação das propagandas do que é violência, os vários tipos e abarcar todas as pessoas em vulnerabilidade tanto racial, econômico e pluralidade de gênero e ocorrer a divulgação em todos lugares como postos de saúde, Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Centro de Referência de Assistência Social (CREAS), mídias sociais em relação a existência de apoio e seus locais de acolhimento, bem como há a existência de reabilitação para os homens que se encontram na posição de abusivos que são encaminhados para o CERAV (Centro Estabilizado de Reabilitação do Autor da Violência) com a reinserção e reeducação dos mesmos da forma de tratamento ao próximo, é de

extrema relevância a propagação desses centros de apoio para a um possível começo de erradicação da violência.

## CONCLUSÃO

Ao decorrer do presente trabalho foram abordados temas relacionados à identidade de gênero e sua construção sócio-histórica no mundo, principalmente as formas culturais de ensinar os estereótipos de gênero nas espacialidades, que têm seus aspectos parecidos com processo de propagação do racismo estrutural no cotidiano com a cultura predominante.

Nas referências bibliográficas fomos guiados através da perspectiva sociocultural dos lugares, ou seja, de quais formas os indivíduos que habitam o espaço geográfico aprendem, a partir do lugar familiar até as instituições (escolas, igrejas, trabalho), a como se comportar em sociedade. Além das redes de entretenimento (TV, redes sociais, revistas, jornais) disseminam o modo como os homens tratam as mulheres, as formas como deve ser o matrimônio e os modelos de relações que devem ser seguidas. A sociedade ensina o papel social de homens e mulheres heterossexuais; Tudo que foge a essa norma, é destituído de direitos, apagado dos lugares, se transforma em anomalias para os de “dentro das normas”. Os corpos são tratados como corpos subversivos, e são alvos de fetiche dos que os repudiam publicamente; corpos que não estão padronizados na figura de um homem heterossexual são colocadas com uma representação fora do padrão. Dessa forma, a bibliografia respondeu às questões relacionadas ao gênero, raça, lugar e as relações construídas a partir da violência contra determinados corpos.

Uma das relações importantes quando tratamos de corpos vulnerabilizados socialmente são de corporeidades negras, que desde o período colonial escravocrata no Brasil não existiu a devida reparação histórica, ao contrário disso, não aconteceu nenhum tipo de reparação. É essencial o recorte racial quando tratamos de gênero porque mulheres brancas e mulheres negras foram historicamente diferenciadas pela raça. Os dados apresentados no atual trabalho demonstram a continuidade da violência que se direciona com mais intensidade às corporeidades de pessoas (mulheres cis, mulheres trans e não-binários) negras.

Aconteceram entrevistas com as trabalhadoras do CEREM e a contextualização deste órgão público foi importante para demonstrar que essa

organização trabalha como um suporte, não só para as mulheres como aos filhos das pessoas que sofrem violência, para enxergarem outros modelos de relações saudáveis. Organizações como esta são importantes também para os homens que se encontram na posição de abusivos procurarem auxílio psicológico, encaminhados para o CERAV (Centro Estabilizado de Reabilitação do Autor da Violência) para a reinserção e reeducação dos mesmos da forma de tratamento ao próximo, para compreenderem os danos que estavam causando em seu núcleo familiar.

As funcionárias da instituição demonstraram durante a entrevista suas experiências: enfrentam o machismo, combatem as idéias retrógradas de como os gêneros devam se portar. Elas são atravessadas pela violência socioespacial contra as mulheres em seu cotidiano, então, nutriram ao presente trabalho a compreensão de possibilidades para destruir os paradigmas das velhas ideias como o ditado popular: “em briga de marido e mulher não se mete a colher”. Essas devem ser exterminadas para que as futuras gerações compreendam que a identidade de gênero é algo desenvolvido socialmente e que elas podem construir um mundo igualitário.

É necessário enfatizar que no decorrer do atual trabalho existiram entraves com dados não realizados ou não divulgados pelas organizações governamentais de Sorocaba-SP, não contendo informações como feminicídio nos últimos anos na cidade. Além disso, houve a dificuldade com relação à realização de um trabalho de campo aprofundado por conta da pandemia do COVID-19.

Para finalizar, é importante a divulgação da existência das organizações que lutam pela vida das mulheres, de corpos que são vulnerabilizados cotidianamente por não estar dentro dos padrões sociais. Cabe às universidades estudarem os temas de gênero, raça e classe social. A geografia também precisa ressignificar as espacialidades geográficas para a violência futuramente não caber à nenhuma corporeidade.

## BIBLIOGRAFIA

ARANHA, V. **Mobilidade pendular na metrópole paulista**. São Paulo em perspectiva, v. 19, n. 4, p. 96-109, out./dez. 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.308-345: Cultura brasileira e culturas brasileiras.

BRASIL, **Lei Maria da Penha**. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, Brasília, 2006.

BRASIL, Senado Federal. **Comissão Parlamentar Mista de Inquérito. Relatório Final**. Brasília, julho de 2013. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/entenda-aviolencia/pdfs/relatorio-final-da-comissao-parlamentar-mista-de-inquerito-sobre-a-violencia-contra-as-mulheres>>. Acesso: 08 de Fev. 2022

CAMPOS, Carmen Hein. **Feminicídio no Brasil: uma análise crítico-feminista**. Sistema Penal & Violência, v. 7, n. 1, p. 103-115, 2015.

CARDOSO, Cláudia Pons. **Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras**. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

CASTRO, I. E. **O Problema da Escala na Geografia**. In: CASTRO, I. CORRÊA, R. L; GOMES, P. C. C. Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 117-140.

**Comitê de Ética em pesquisa em seres humanos**: Disponível em: <<https://www.propq.ufscar.br/etica/cep/humanos>> Acessado em: 08.Abril.2022.

DE JESUS, Cassiano Celestino; ALMEIDA, Isis Furtado. **O movimento feminista e as redefinições da mulher na sociedade após a Segunda Guerra Mundial**. Boletim historiar, n. 14, 2016.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Clube de Autores, 2009.

FILLETI, Juliana de Paula; GORAYEB, Daniela Salomão; CARDOSO DE MELO, Maria Fernanda Godoy. **Mulheres no mercado de trabalho no 1º trimestre de 2020**. In FACAMP: Boletim NPEGen Mulheres no Mercado de Trabalho. Campinas: Editora FACAMP, volume 02, número 01. 1 março de 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública: 2020**. São Paulo: FBSP, 2020.

GUIMARÃES, R. B. **Regionalização da saúde no Brasil: da escala do corpo à escala da nação**. São Paulo, Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública, 2008. (Tese de Livre Docência).

GUIMARÃES, Raul Borges. **Saúde Urbana: velho tema e novas questões**. Terra Livre, São Paulo, n. 17, p. 155-170, 2001.

GOMES, Livia Daiane. **A origem do patriarcado: Da veneração à opressão da mulher**. In: Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais,. 2019.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afrolatinoamericano**. Revista Isis Internacional, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988

\_\_\_\_\_. **Mulher negra. Mulherio**, São Paulo, ano I, nº 3, 1981, p. 110.

**Instituto Maria da Penha:** Disponível

em:<<https://www.institutomariadapenha.org.br/violencia-domestica/ciclo-da-violencia.html>> Acessado em:08.Mar.2022

MASSEY, Doreen **Pelo espaço: Uma nova política da espacialidade**. Trad: Hilda Pareto Maciel; Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008, p.312.

\_\_\_\_\_. Um sentido global do lugar. **O espaço da diferença**. Campinas: Papyrus, p. 176-185, 2000.

NUNES, Renata. **Mulheres no espaço urbano de Sorocaba-SP: movimento de mulheres na construção de suas territorialidades.** 2019.

PINTO, Ronaldo Ramos. **Centralidade da Região Sanitária: Influência regional no meio urbano de Sorocaba.** IX SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA DA SAÚDE, 9., 2019, Santa Catarina - Blumenau. 2019. p.1-9.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O poder do macho.** Editora Moderna, 1987.

SANTOS, M. **A natureza do espaço.** São Paulo: EDUSP, 2008. p. 111-168

**Selo social** - Disponível em: <<http://www.selosocial.com/projeto/354>> Acessado em: 24.Fev.2022

SILVA, Joseli Maria. **A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade.** Geo Uerj, v. 1, n. 18, p. 3-19, 2008.

SILVEIRA, Maria Laura. **Escala geográfica: da ação ao império?** Revista Terra Livre, Goiânia, Ano 20, v. 02, n. 23, p.87-96, jul-dez, 2004

SPOSITO, M. E. B. **As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos.** In: SPOSITO, M. E. B. (org.) Urbanização e cidades: perspectivas geográficas. Presidente Prudente: UNESP, 2001. p. 609-642

WALKER, Lenore E. **Psicologia e violência contra as mulheres.** American Psychologist, 1989.

XAVIER, Luara. Coletivo Feminista Rosa Lilás, a voz da mulher. **Empodere 1 Pessoa.** Publicado em 16 mar. 2016. Disponível em: <<https://empodere1pessoa.wordpress.com/2016/03/16/coletivo-feminista-rosa-lilas-a-voz-da-mulher/>> Acesso em 23 mar. 2021.

## APÊNDICE I – Transcrição da entrevista nº 1

Entrevista concedida pela psicóloga do Centro de Referência da Mulher Selma Said - CEREM

Entrevistadora: Gleicielly Souza

Entrevistada: Psicóloga - Renata\*

Identidade de Gênero: Mulher

Idade: 43 anos

Data: 08/03/2022

Local: Google Meet

G: Oi! Tudo bem? Gostaria de agradecer primeiramente! Obrigada por conceder a entrevista. Bom, vou me apresentar, meu nome é Gleicielly sou estudante de geografia através da Universidade Federal de São Carlos - campus Sorocaba. Me propus a fazer Iniciação Científica - CNPq e desenvolver meu TCC com a temática da vulnerabilidade socioespacial das mulheres em Sorocaba - SP. Eu busquei conhecer os lugares de referência como a delegacia da mulher, conversei pelo telefone por conta da impossibilidade de ir até os locais por motivos de segurança por conta do COVID-19. Mas já tinha conhecimento do CEREM porque já fui procurar apoio há cerca de três anos atrás para ajudar minha mãe a sair de uma relação abusiva com meu pai. E desde então surgiu a vontade de pesquisar mais sobre a violência contra corpos vulnerabilizados, sendo um assunto que cabe a geografia da saúde e geografia feminista, mapear os lugares de acolhimento, entender essas relações socioespaciais. Bom, vamos iniciar a entrevista: Pode se apresentar.

R: Olá! Eu sou a Renata, psicóloga e uma das técnicas que atendem dentro da unidade do CEREM as mulheres residentes em Sorocaba, a grande maioria maiores de idade e que estejam passando ou já passaram por violência doméstica. Apesar de eu ser psicóloga, eu não faço terapia clínica, eu aconselho e oriento igualmente as assistentes sociais dessas mulheres, temos uma terapeuta

ocupacional também mas nós fazemos o mesmo trabalho, que é de acolhimento, orientação e acompanhamento da mulher vítima de situação de violência.

G: Você mora em Sorocaba? Qual a sua idade?

R: Tenho 43 anos, moro em Sorocaba e trabalho no CEREM há cerca de 10 anos, entrei em 2012.

G: Entendi, obrigada pelas informações. Uma pergunta relacionada central, qual é a função do CEREM?

R: Então, o CEREM é um centro de referência da mulher, é um órgão público da prefeitura de Sorocaba. Somos servidoras públicas, o serviço acontece de porta aberta, não é necessário encaminhamento para a mulher chegar até nós, de forma espontânea porque identificou que está passando por alguma situação de violência doméstica ou as mulheres podem ser encaminhadas através de postos de saúde do bairro das mesmas, pelo CRAS, CREAS, delegacia da mulher e outros lugares que sabem da existência do CEREM já encaminham diretamente. Serão primeiramente acolhidas quando chegam no local, posteriormente são encaminhadas no atendimento técnico de escuta onde irá contar sua realidade e situação, e conforme Gleicielly, o que ela contar para nós em atendimento podemos direcionar a situação e mostrar as possibilidades de rompimento do ciclo da violência ou se ela não estiver pronta para o rompimento que ela ao menos identifique aquela situação e as violências que está passando e que possa se posicionar mas que existem possibilidades além daquela. O CEREM é para o fortalecimento delas, compreensão e depois das escolhas das mesmas, apenas apoiamos. Não obrigamos denunciar quem as violenta, nem nada do tipo, apresentamos várias possibilidades.

G: Entendi! Muito importante isso...E vocês acolhem pessoas trans e não-binárias?

R: Também acolhemos mas vou te falar a verdade, não é uma demanda grande que temos. Não que eu ache que exista mas não tem acesso, é irrisório o número que já atendemos de pessoas trans, eu trabalho há 10 anos aqui e atendi "meia dúzia" de casos. Mas basta se identificar com o gênero feminino que estamos atendendo, por conta da Lei Maria da Penha que é voltada à mulher vítima de violência. Mas isso era dúvida antigamente como funcionaria para pessoas trans, mas agora é fato, todas são abarcadas.

G: Entendi, há uma possibilidade de acolhimento mas não tem procura.

R: Exatamente, não há. Demanda é baixa de procura e não de casos ocorrendo

G: Vocês abrigam as mulheres?

R: Não, há um abrigo e ele tem uma relação bem próxima com a gente desde sempre, mas é separado porque tem uma certa associação com a prefeitura mas não é da prefeitura, é uma Organização Não Governamental. É a casa Abrigo CIM Mulher, porque qualquer mulher que esteja passando por situação de violência e não tem para onde ir fazemos a ponte no ato com os profissionais do CIM, tudo por telefone já encaminhamos, muito rápido. No mesmo dia a mulher é direcionada até lá, é sigiloso onde fica a casa abrigo, ninguém sabe por conta de proteção, mas fornecemos o celular que qualquer mulher pode obter e ligar para lá, o motorista se desloca levando até a casa sigilosa.

G: Ok! Já antecipando uma pergunta porque tem a ver com acolhimento de mulheres, vocês apenas acolhem mulheres que residam na região de Sorocaba?

R: Sim, porque é um serviço do município de Sorocaba mas surgem encaminhamentos para os municípios das mesmas. Mas acredito que varia também o momento de cada prefeito, mas não sei dizer.

G: Entendi. Voltando às perguntas de violência contra mulheres, como vocês identificam a tipologia da violência, tem um padrão?

R: São cinco tipos de violência que a Lei Maria da Penha contempla, a psicológica que é xingamento ofensa, humilhação. A física que todos conhecem porque é visível, como lesão corporal. A violência moral difamação, calúnia, ofende expondo aquela pessoa a outros, temos a patrimonial quando subtrai objetos, móveis da casa, restringe a pessoa de gastar o dinheiro da mulher, e a última que é a violência sexual, é possível que aconteça dentro dos relacionamentos em que as mulheres se sentem forçadas e coagidas a estar naquela situação. Mas a predominância é a violência psicológica que o cônjuge restringe as roupas por conta de ciúmes excessivos, restringe até o convívio social das mulheres.

G: Qual seria o perfil das mulheres que são acolhidas, faixa etária, classe social etc?

R: Pode ser que tenha um perfil padrão mas é bem variado... De 18 anos pra cima, ontem atendi uma senhora de 80 anos que tinha saído da casa abrigo, mas é raro encontrar pessoas mais velhas. Mas o comum é de 21 até 55 anos, a faixa que mais atendemos. Minhas colegas de trabalho podem ter outra visão mas geralmente atendo mais mulheres brancas, que não estão empregadas formalmente no mercado, há as que estão de forma informal fazendo “bicos” ou donas de casa por opção, ou desempregadas, mas tem minorias que trabalham de carteira assinada, geralmente têm ensino médio completo ou ensino fundamental incompleto, tem uma minoria que tem graduação completa.

G: Eu acho que você já respondeu essa pergunta, mas qual o principal motivo da busca?

R: É quando elas começam a identificar que elas são vítimas de uma situação que configura abuso e quando elas percebem que essas relações abusivas estão trazendo prejuízos, são os filhos e faz parte do perfil das mulheres que têm filhos.

Mas quando elas percebem os prejuízos elas procuram ajuda. Tem muitas situações que a mulher vai no posto de saúde, alguém a conscientizou do que é abuso da situação e ela vai começar a procurar. Então o gatilho é quando alguém faz com que ela se perceba melhor e se dá conta porque elas vão naturalizando a situação até geralmente as alertarem.

G: E quem são os agressores geralmente?

R: A mesma situação, perfil variado mas só de ouvir os casos você vai traçando o perfil dos homens porque tem casos mais graves, vamos começar pelos mais graves quando são relacionados ao tráfico, tem histórico de homicídio ou histórico de relações agressivas anteriores, são esses casos que geralmente as mulheres procuram a casa abrigo porque correm sérios riscos de serem assassinadas. Tem outro perfil de homens bem comuns que são agressores mas que é de modo cultural, que ele aprendeu ao longo da vida a masculinidade e reproduziu, é aquele homem opressor que não se dá conta que está sendo abusivo.

G: Quando tem essa ameaça a vida que elas buscam geralmente... Pode ser que você já respondeu essa pergunta também em relação a outros centros de referência a mulher como você comentou do CIM - Mulher, Postos de saúde etc, essa pergunta é sobre o SUS e o vínculo com o CEREM, essa relação processo saúde-doença das mulheres?

R: O meu vínculo enquanto psicóloga com as UBS é bom, tenho contato direto e sou bem atendida quando busco ajuda deles. O problema não é o contato e sim as equipes de saúde das UBS após a pandemia COVID-19 desintegrou a equipe, então tudo que existia presencial com rodas de conversas, apoios em grupos das mulheres perderam todas por conta desse modo remoto. Então quem tinha convênio procurava apoio psicológico através dele. E outras indicações nossas são as universidades e faculdades de Sorocaba que atendem pessoas em vulnerabilidade para terapias. Mas anteriormente à pandemia o contato com os

postos de saúde eram bons conosco, com as coordenadoras, direcionam os casos para lá, agora estão se recuperando aos poucos.

G: Entendi! Continuando com o tema da saúde, a violência contra as mulheres afeta a saúde das mesmas?

R: Sem dúvidas! Em todos os aspectos, fisicamente falando e psicologicamente falando, infelizmente são muitos casos de estresse pós traumático, depressão, crise de ansiedade, insônia, apetite, isolamento social e não conseguem mais sair de casa. São muitos prejuízos emocionais por ter vivenciado isso tanto de muito tempo de relação abusiva quanto as que vivenciaram consideravelmente pouco tempo mas de forma intensa. Até na saúde física tem muitas que adoecem, por conta do estresse exagerado, pressão alta, desregula o organismo, compulsão alimentar. Não tem nada do que você citar que não tenha ocorrido, tem de todas as doenças, teve um caso que não se alimentava mais e aconteceu de um familiar ir até a casa dela para convencê-la a se alimentar mas como nada resolvia foi necessário uma internação e tudo por causa do emocional mesmo.

G: Sim! Você respondeu as formas de adoecimento tanto mental quanto fisicamente, então, a maioria das mulheres adoecem?

R: Engraçado... Parece-me que a uns anos atrás quando entrei aqui lá por 2013 eu sentia, mas não tenho em números, mas eu sentia que o número era maior de casos de adoecimento, agora as que conseguem sair de um relacionamento conturbado estão mais empoderadas, claro, todas tem um certo prejuízo mas que conseguem se reerguer com terapias e já chegam um pouco melhor.

G: Entendi. Então houve um salto positivo de uns anos para cá!

R: Acredito que deveria fazer mais estudos e averiguar se estou correta, se houve realmente um crescimento. Mas que deu diferença deu.

G: E é perceptível esses lugares da cidade onde acontecem mais casos de violência? Tem alguma zona específica na cidade?

R: Existe uma predominância. Mas esses dias nossa coordenadora fez um comentário, eu tive que concordar porque antigamente tinha uma predominância da zona norte que alguns bairros são menos favorecidos, algumas pessoas têm mais dificuldade ao acesso a informação que existem serviços, mas agora que fazemos a análise dos bairros, está muito mais espaçado, há casos na zona leste, zona oeste etc. Na minha conta ainda contabilizo mais na zona norte... Mas mesmo assim agora está tendo mais casos tanto na zona norte, quanto na zona leste e zona oeste da cidade.

G: Vocês calculam e comparam esses dados estatísticos sobre quantas pessoas atende por mês/ano?

R: Sim... Mas isso é com a nossa coordenadora, não vou saber dizer. Porque é importante fazer essa análise para divulgação.

G: Certo, tudo bem! E eu tenho umas perguntas finais que surgiram ao longo da entrevista...Na sua perspectiva como Renata, porque existem tantos casos de violência contra mulheres?

R: Na minha visão é muito cultural, da forma como a sociedade construiu essa relação de gênero. Parece irreal mas é real, em 2022 alguns homens que a gente chamou para conversar - os que eram mais acessíveis para orientá-los para que ele se conscientizasse da situação mas eles sempre diziam sobre a situação abusiva e “Eu aprendi dessa forma, a minha mãe era tratada assim pelo meu pai, fui criado dessa forma”... Então ainda era uma reprodução de gênero que o homem tinha um poder maior em relação ao gênero feminino, a figura feminina. Não era

mais para estarmos nessa situação retrograda, mas a cultura permanece ensinando assim.

G: Entendi! É exatamente sobre a construção de gênero, cultural e social que nos leva a esse cenário.

R: Sim! É o fator principal na minha visão, a cultura. Os homens têm através da Lei Maria da Penha um “tratamento” de como se reinserir socialmente com uma perspectiva humana das mulheres. Em Sorocaba há um serviço chamado SERAV que é o Centro de reabilitação do homem para repensar as relações que constrói, como se posiciona para que ele possa re significar e parar de agir de forma abusiva. Mas não é um serviço direto da prefeitura mas tem vínculo com eles.

G: E esse serviço tem encaminhamento por vocês?

R: O Fórum pode encaminhá-los na medida protetiva da mulher como procurar ao SERAV como encaminhamento, o próprio juiz encaminha. Nós, enquanto CEREM podemos encaminhar e os CREAS também encaminham. Mas não é porta aberta, eles precisam de encaminhamento.

G: Entendi! Acredito que sejam essas as principais perguntas, muito obrigada pela disposição e vamos continuar na luta!

R: Imagina, estamos aqui à disposição! Obrigada você pelo trabalho importante que está fazendo.

## APÊNDICE II – Transcrição da entrevista nº 2

Entrevista concedida pela psicóloga do Centro de Referência da Mulher Selma Said - CEREM

Entrevistadora: Gleicielly Souza

Entrevistada: Assistente Social - Maria\*

Idade: 39 anos

Identidade de Gênero: Mulher

Data: 08/03/2022

Local: Google Meet

G: Oi! Tudo bem? Gostaria de agradecer primeiramente! Obrigada por conceder a entrevista. Meu nome é Gleicielly sou estudante de geografia através da Universidade Federal de São Carlos - campus Sorocaba. Me propus a fazer Iniciação Científica - CNPq e desenvolver meu TCC com a temática da vulnerabilidade socioespacial das mulheres em Sorocaba - SP. Vamos iniciar a entrevista: Pode se apresentar por gentileza, me fala seu nome, idade, gênero e função dentro do CEREM.

M: Olá! Sou a Maria, assistente social e faço atendimento das mulheres em situação de violência doméstica, tenho 39 anos e sou uma mulher.

G: Obrigada! Bom, com a Renata eu fiz perguntas gerais e específicas sobre o CEREM e como ela me respondeu as questões principais como a função do CEREM etc, com você irei utilizar perguntas mais específicas que vão de encontro com sua subjetividade no seu trabalho. Mas se quiser interromper a qualquer momento ou não responder algumas perguntas está no seu direito. Então: Qual o perfil (geralmente) das mulheres que são acolhidas: idade, raça, classe social, escolaridade, empregos?

M: A gente atende mulheres acima de 18 anos. O levantamento que a nossa coordenadora fez ano passado de faixa-etária é de 30 a 45 anos, mas a formação, escolaridade e atuação profissional é diversificado, algumas têm o ensino médio completo, outras incompleto ou até mesmo com graduação ou pós e empregadas, mas em sua maioria estão desempregadas e vulneráveis socialmente. Nosso público são mulheres que sofreram ou sofrem violência doméstica, tem também um acompanhamento mas que são um número menor em que a Renata atende são de mulheres que sofreram violência sexual de desconhecidos. Mas a maioria de mulheres que atendemos são brancas, diferente das pesquisas que a gente lê sobre as mulheres negras e é uma pergunta que tenho faz muitos anos dos dados não baterem com a realidade dos casos do CEREM, não conseguimos esse maior acesso da mulher negra e pode ser por muitos fatores, uma hipótese é que o CEREM se localiza na região central, não sei ao certo...Mas pode ser a informação que não chega até elas, ou o não reconhecimento da violência sofrido por essas mulheres, mas é uma inquietação minha porque ao meu ver temos fácil acesso por ser no centro da cidade.

G: Entendi. E quais os principais motivos das buscas de acolhimento? (Agressões domésticas, estupro, abandono ou outro).

M: A maior parte é violência doméstica, mas existem mães com filhos que as violentam... A maior violência é a psicológica, a maioria das mulheres já vivenciaram isso. A gente aparece em maior quantidade dessa forma.

G: Quem são os agressores geralmente?

M: A maior parte tem vínculo afetivo com mulheres como namorados ou maridos, mas tem filhos, irmãos, cunhados etc. Mas a violência prevalece por namorados e maridos.

G: Uma pergunta que eu não fiz para a Renata mas vou colocar para você é se existem casos de violência de mulheres sofridas por outras mulheres?

M: Já aconteceu mas infelizmente ou felizmente mas digo infelizmente porque essas pessoas não chegaram até a gente, relação homoafetiva é muito pouco ou inexistente, a gente tem pouca demanda quase nula. Mas tem uma ou outra de mães com filhas, mas companheiras e namoradas são nulas.

G: E pessoas trans e não binárias vocês já receberam casos?

M: Muito pouco, do que eu me recordo estou aqui desde 2011, eu atendi uma pessoa que estava na transição de identidade que hoje é homem trans. Mas não é comum.

G: Entendi, muito escasso então a procura. E você conhece outros lugares de assistência e acolhimento à mulher em Sorocaba?

M: Tem o CREAS que faz o acompanhamento de pessoas em vulnerabilidade principalmente para crianças e adolescentes, no ano passado (2021) aqui em Sorocaba surgiu uma rede de escuta especializada de crianças que presenciaram a mãe sendo agredida e sofreram com violência doméstica ou que também foram agredidas dentro de suas residências, então essa escuta é um lugar para eles se expressarem, colocarem o que estão sentindo naquele momento para poder direcionar essa criança para a rede, como a defensoria pública, casa abrigo, vara da Infância e Juventude, os CRAS que essas instituições trabalham com essa questão do território, do próprio bairro, do lugar que estão sofrendo agressões domésticas e tem vínculo com outras universidades que têm acompanhamento psicológico da população, existe a delegacia da mulher para o procedimento do boletim de ocorrência, enfim, temos uma rede bem diversificada.

G: A violência contra as mulheres afeta a saúde das mesmas? Se sim, de quais formas?

M: Sim! Com certeza...Aqui chega muitas reclamações sobre dores físicas, depressão, crise de pânico, ansiedade, estresse pós traumático... Ontem atendi uma mulher que não conseguia mais comer, então assim, isso tem muitas questões. Sempre orientamos um atendimento terapêutico ou psiquiatra que possa avaliar aquela demanda que está apresentando se precisa de medicação ou não, sempre encaminhamos atendimentos de saúde. Mas tem umas reclamações sobre um diagnóstico e o marido não permitia que prossegam com o atendimento de saúde que as desestabilizou.

G: Mas é importante essa escuta especializada, os encaminhamentos de saúde e entender que existe uma rede de apoio para as famílias... - É perceptível lugares específicos da cidade onde acontecem mais casos de violência doméstica? (Zona Oeste, Zona Sul, Zona Norte ou Zona Leste da cidade).

M: A gente atende a cidade toda, mas aqui a zona norte é a região que apresenta maior quantidade de atendimentos. Mas depende dos lugares que fazem os levantamentos.

G: A última pergunta seria mais no sentido da sua percepção enquanto assistente social, porque acontecem tantos casos de violência contra mulher?

M: A violência tem multifatores, mas se formos pensar na estrutura do nosso país machista culturalmente, do quanto ao longo dos anos observamos essa diferença e o peso que as mulheres carregam é maior. Porém temos uma série de fatores porque tem tanta violência, claro que temos mais informações mas me pergunto se chega realmente a informação para todas as pessoas. A violência tem relação com o autor da violência não só quem vive, qual a história de vida etc... E quando atendemos a mulher a gente tenta entender quais foram as ligações que as

levaram até o momento com os sofrimentos, mas é importante dizer que elas não querem que chegue até esse momento, ninguém escolhe sofrer violência mas a violência também é aprendida e o que o CEREM faz é orientar que violência não é comum nos lares. Mas o procedimento com as crianças e adolescentes de perceberem que existem outros tipos de relação, outros momentos e afetos, ressignifica para outras experiências que o amor não é doloroso, que assim como a violência, o afeto também é aprendido e o que queremos para essas crianças que vivenciaram a mãe sofrendo violência doméstica entendam que elas podem criarem outros momentos e encontrarem mais para frente alguém para amar de forma genuína e sem violência, que essas crianças acreditem que há essa possibilidade do amor sem a dor, elas precisam criar isso de outro lugar e nunca é tarde para pensar nessas outras possibilidades. Lembro que atendi uma senhora de 80 anos que foi sequestrada pelo namorado na fazenda, ela não queria mas ele a forçou...E tem mulheres atualmente que ainda passam pela mesma coisa. Mas voltando rapidamente ao tema de mulheres, principalmente negras que não conseguem acessar o CEREM questiono se faltam informações dos tipos de agressões. Uns dos motivos pode ser que sejam reconhecidas como violência agressão física e o que é exposto geralmente nas imagens das propagandas, como exemplo a imagem de uma mulher com olho roxo. Esquecem que a violência abarca isso mas que é além disso, tem tantas outras formas... Isso pode ser uma autocrítica para o tipo de informação que estejam chegando até essas pessoas.

G: Sim, eu imagino que sejam muitos fatores até por existirem formas de violência muito variadas também, mas que o machismo da nossa sociedade seja tão enraizado que várias coisas são “naturalizadas”. Então acredito que sejam essas as questões principais, gostaria muito de agradecer você, a Renata e as demais pessoas que trabalham no CEREM pelas informações. Muito obrigada, vocês enriqueceram demais o meu trabalho, vocês são a principal referência em Sorocaba e eu não enxergava outro caminho a não ser acessar vocês.